

Copom pode manter Selic em 19,75% ao ano

*IPCA de 0,49%
em maio reforça
expectativa de fim
do ciclo de alta
nos juros básico*

JIANE CARVALHO
SÃO PAULO

É quase consenso entre analistas do mercado financeiro que a Selic deve ser mantida em 19,75% ao ano na reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) entre amanhã e quarta-feira. Em defesa do fim do ciclo de alta na taxa básica, analistas citam o desaquecimento da economia, o arrefecimento nos índices de preços e o recuo na expectativa de inflação. Já as instituições que ainda vêm espaço para mais uma elevação de 0,25 ponto percentual na taxa, apontam os núcleos da inflação ainda eleva-

TAXA SELIC		
Previsão para a reunião do Copom		
	Manutenção	Alta de 0,25 pp
UBS		✓
ABN Amro Asset Management	✓	
GRC Visão	✓	
SulAmerica Investimento	✓	
Unibanco	✓	
Itaú	✓	
Pátria de Negócios	✓	
BES		✓
WestLB	✓	
BNP Paribas	✓	
Fenacrefi	✓	
Bradesco	✓	
Corretora Fator	✓	
BNP Paribas	✓	
HSBC Investment Bank	✓	
Secif-RJ	✓	
Modal Asset	✓	
Fibra	✓	

Fonte: Bancos

dos. Além disso, citam fatores de incerteza, como o preço internacional do petróleo e a recente volatilidade do câmbio.

Iniciado em setembro do ano passado, o atual ciclo de alta da Selic já promoveu nove elevações consecutivas na taxa, na tentativa de conduzir a inflação para a meta de 5,1% ao ano. Apesar do forte aperto monetário, a possibilidade de cumprimento da tarefa é improvável. Mesmo assim, a economia já sente os efeitos dos juros elevados. No primeiro trimestre do ano, o PIB cresceu 0,3% em relação aos últimos três meses do ano passado. Dados da produção industrial também mostram queda no ritmo de crescimento.

Além da desaceleração do crescimento econômico, o economista-chefe do ABN Amro Asset Management, Hugo Penteado, cita outros fatores que justificam a manutenção da Selic. "Um fator que preocupava

o Banco Central, a expectativa de inflação, também recuou desde a reunião anterior do Copom", diz Penteado. Na segunda passada, o boletim de mercado do BC, mostrou a segunda redução consecutiva nas expectativas de inflação das instituições ouvidas. No levantamento, o IPCA previsto para 2005 estava em 6,35%.

O recuo na inflação corrente é outro fator considerado determinante para que o BC pare de subir os juros. Na semana passada, todos os indicadores de preços mostraram queda no ritmo de elevação dos preços e até mesmo deflação. O mais importante deles, o IPCA medido pelo IBGE, foi de 0,49% em maio, o menor nível dos últimos sete meses. "Este recuo mostra que, apesar de os núcleos de inflação ainda altos, a política monetária está surtindo efeito", avalia Hugo Penteado. "Para o objetivo de combater o risco de inércia, o mais importante é o índice cheio e não os núcleos."

No entanto, os núcleos altos são o principal argumento de quem acredita em mais 0,25 ponto na Selic. "O principal sinal que o BC espera é o recuo dos núcleos, muito mais do que a queda da inflação cheia", diz o economista-chefe do BES Investimento, Sandra Utsumi. Além disso, ela cita fatores de incerteza que ainda persistem no cenário e que podem justificar um novo aumento na Selic. "O câmbio está muito volátil e os preços do petróleo ainda preocupam", lembra Sandra. Desde a reunião de maio do Copom, o barril de petróleo tipo WTI, negociado em Nova York, subiu 10,14%. Por conta da crise política, o dólar na semana passada mostrou volatilidade, com alta acumulada de 1,93%. "Como há argumentos contra e favoráveis, subir a Selic passa a ser uma questão de opção do BC, por isto levando em consideração o discurso e a conduta da instituição, considero mais provável um nova alta nos juros."

MERCADOS

CÂMBIO			
Cotação de venda (R\$/US\$)			
Taxa	Junho		
	10	9	8
Mínima	2,4650	2,4780	2,4400
Máxima	2,4850	2,5010	2,4620
Fechamento	2,4740	2,4970	2,4620
Ptax*	2,4751	2,4891	2,4464

Fontes: Banco Central, InvestNews e Centro de Informações da Gazeta Mercantil
* Média do Banco Central

Dólar fecha em queda de 0,92%

SÃO PAULO

O dólar comercial fechou na sexta-feira em queda de 0,92%, vendido a R\$ 2,474. No entanto, na semana a moeda acumulou alta de 1,93%. Na Bolsa de Mercadorias e Futuros (BM&F), a projeção de juros apresentou forte retração. O volume negociado no setor ficou acima da média diária pois os investidores estavam se posicionando em relação à reunião desta semana do Copom. O contrato de Depósito Interfinanceiro (DI) de janeiro de 2007, o mais líquido, cedeu de 18,25% para 18,03%.